

Remédios exigem controle restrito

Drogas, que não devem ser tomadas rotineiramente, podem causar sérios efeitos colaterais

Os medicamentos usados no controle dos distúrbios de equilíbrio não podem ser tomados rotineiramente nem longe do controle médico. Eles agem como vasodilatores ou depressores da função labiríntica, mas podem causar sérios efeitos colaterais. No primeiro grupo, são utilizados rotineiramente a cinarizina (nome químico), a flunarizina e a ginkgo biloba, extrato da casca de uma árvore de origem chinesa, já sintetizado pela indústria farmacêutica.

Grande parte dos problemas do labirinto são consequência da diminuição na circulação sanguínea periférica, ou seja, dos microvasos que irrigam ór-

gãos e estruturas variadas pelo corpo. Os medicamentos dilatam esses vasos e propiciam maior irrigação do labirinto, mas por outro lado podem gerar problemas no sistema nervoso central.

Entre os depressores do sistema, uma das drogas utilizadas é o dimenidrato, isolado ou em associação com a vitamina B6, somente preparada em farmácias de manipulação sob orientação médica. O medicamento, usado mais frequentemente nas crises, diminui a sensibilidade do labirinto e, em consequência, as alterações de equilíbrio.

A doceira Andréa Devidé Mota, que prepara pratos congelados sob encomenda, percebeu as

tonturas e o zumbido no ouvido há três anos. Na época, ela trabalhava 18 horas por dia e dormia apenas quatro, ocupada em atender as encomendas de doces, salgados e pratos prontos. O otorrinolaringologista Carlos Alberto Caropreso, do Hospital da Beneficência Portuguesa,

submeteu Andréa a uma bateria de exames radiológicos, otoneurológicos e clínicos, sem sucesso.

“Quando não há causa específica, o distúrbio do labirinto pode ser de origem viral ou emocional”, explica o médico. O labirinto também sofre influência do sistema límbico cerebral, que controla as reações emocionais. Essa influência se estende à parte vascular. A resposta cerebral às in-

formações trazidas pelo nervo cócleo-vestibular é normal desde que não existam obstáculos como obstruções de veias ou tumores. No caso de Andréa Mota, o medicamento vasodilatador resolveu o problema, mas há duas semanas a tontura e o zumbido retornaram subitamente. “A sensação é a de uma abelha dentro do ouvido”, descreve. Ela descansou por alguns dias, recorreu à mesma medicação e, com os sintomas sob controle, decidiu diminuir o ritmo de trabalho.

Ricardo Bento, do Hospital das Clínicas, afirma que alterações de equilíbrio, com tontura, geralmente envolvem causas externas como o stress. O cansaço físico e mental provoca queda na circulação sanguínea e outras mudanças metabólicas que podem lesar células do ouvido interno, produzindo o barulho que é confundido com o zumbido.

DISTÚRBIO
PODE TER
ORIGEM VIRAL
OU EMOCIONAL